

Governo de Goiás manda apreender ratos nas regiões de Pirenópolis e Santo Antônio do Descoberto, para descobrir se há pontos de contaminação. Bombeiros alertam que fogo na mata aumenta os riscos

Áreas goianas serão pesquisadas

MARIA FERRI E
ANA HELENA PAIXÃO

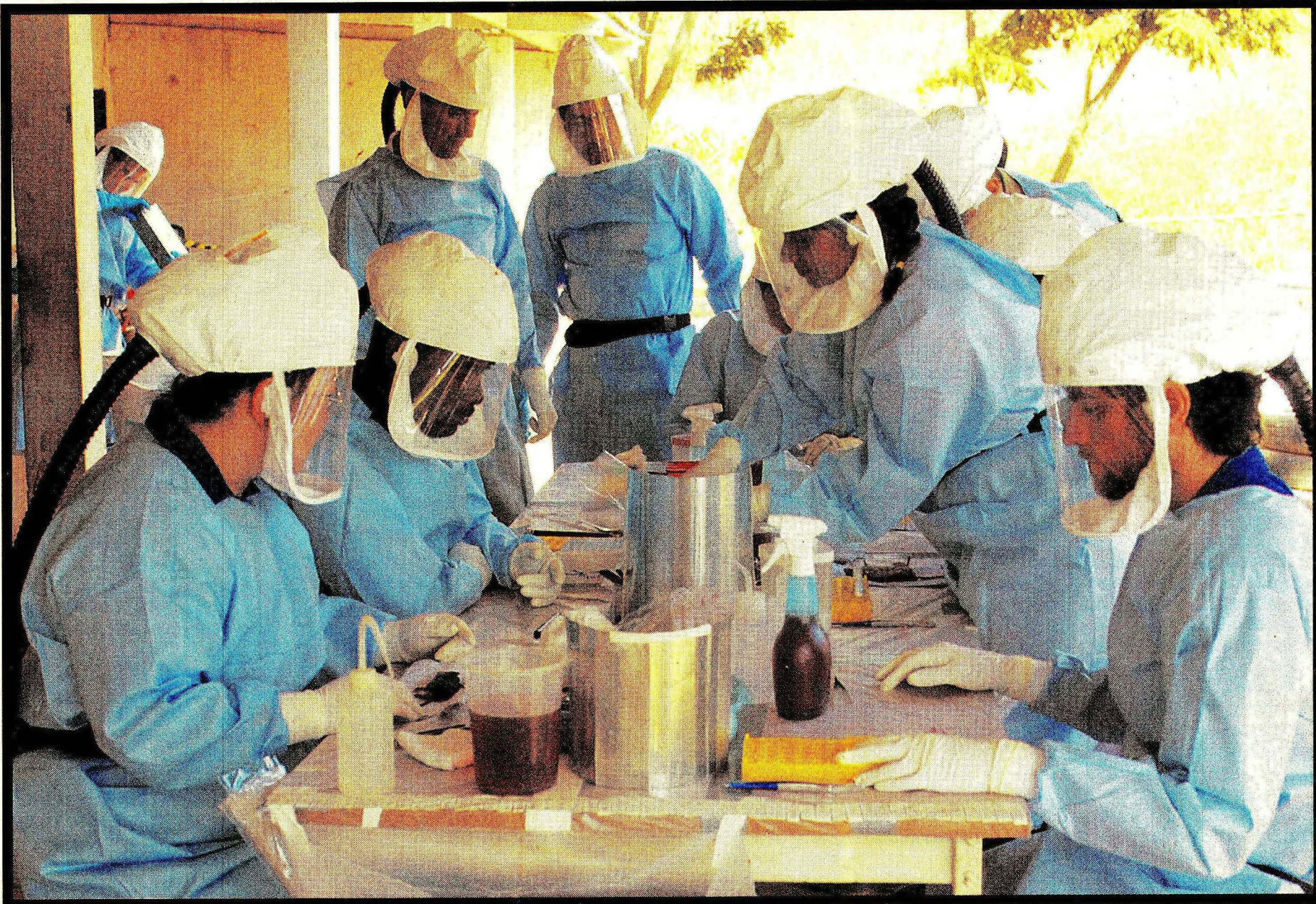
DA EQUIPE DO CORREIO

A Secretaria de Saúde de Goiás programa para esta semana a captura de roedores silvestres em cidades do Entorno, onde morreram duas vítimas da hantavirose. Uma equipe especializada em vírus do Instituto Adolfo Lutz (IAL), de São Paulo, deve chegar amanhã para apreender os ratos que serão analisados no laboratório paulista. Com a pesquisa será possível descobrir os pontos onde se manifesta a infecção.

De acordo com a superintendente de Políticas de Atenção Integral à Saúde da secretaria, Maria Lúcia Carnellosso, a apreensão dos roedores será realizada em apenas duas das três cidades com mortes confirmadas pela doença: Santo Antônio do Descoberto e Pirenópolis. O estudo não será feito em Cristalina porque não há dúvidas em relação ao foco de infecção. “Nessa cidade a vítima morava na zona rural, onde encontramos vários ratos de mata”, explica. Com todos os sintomas da doença, o morador do assentamento Vista Alegre Laurindo Pereira dos Santos, 51 anos, não resistiu ao ataque do vírus e morreu no dia 4 de maio. O loteamento fica a 80km da cidade.

As outras duas mortes confirmadas no Entorno são da auxiliar de enfermagem Arlenilda Lopes Viana, 45 anos — que morreu em 16 de julho e era funcionária do Hospital Regional de Taguatinga (HRT) —, e da empresária Hellen Aragão Salerno, 39. Dona de uma pousada em Pirenópolis e moradora do Guarã II, ela morreu em 8 de junho no Hospital Santa Lúcia. Com a captura, a secretaria esclarecerá se Hellen foi mesmo contaminada no município goiano. “Ainda não se sabe onde ela pegou a doença. A apreensão dos roedores irá mostrar se há ratos contaminados nos locais onde Hellen

Kleber Lima 10.6.04



TÉCNICOS DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ COLETARAM RATOS EM SÃO SEBASTIÃO: TRABALHO SERÁ REPETIDO NAS ÁREAS DE PIRENÓPOLIS E SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO, PRÓXIMO AO DISTRITO FEDERAL

e Arlenilda andaram”, afirma Carnellosso.

Ela acrescenta que o mapeamento dos locais por onde as vítimas passaram antes de morrer já foi desenhado pelos técnicos que fizeram a investigação epidemiológica. No entanto, os pontos das capturas só serão definidos em conjunto com a equipe do laboratório paulista. “Os

técnicos do Adolfo Lutz são especializados e usam equipamentos de alto nível de segurança. Por isso, vamos fazer tudo em conjunto, pois eles têm mais experiência”, explica.

Armadilhas

Ainda de acordo com a superintendente, o trabalho seguirá os moldes da captura realizada em

São Sebastião, a primeira área de surto do DF. No campo, os técnicos do IAL usam luvas e botas. Dentro do laboratório, onde amostras de sangue dos roedores são recolhidas, as exigências são maiores: os técnicos usam proteção respiratória, aventais que repelem líquidos, luvas duplas e botas. Os cuidados são para não contraírem o vírus e man-

tê-lo vivo no corpo do rato silvestre, o único hospedeiro conhecido no Brasil.

A captura tem de ser feita nas primeiras horas da manhã, antes do sol forte. Os ratos silvestres são sensíveis ao calor e podem morrer com uma exposição prolongada aos raios ultravioleta. Atraídos pelo cheiro de uma mistura de pasta de amen-

doim com aveia, os animais permanecem vivos até serem levados ao laboratório. Eles sobrevivem porque o alimento é rico em energia e os protegem do calor. Em São Paulo, o material passará por teste sorológico, chamado Elisa, que indicará ou não a existência do vírus. Em São Sebastião, dos 510 ratos capturados, 34 tinham o vírus.